



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O futuro distópico da cidade

Falecido há menos de um ano, o dramaturgo Julio Zanotta Vieira, cuja obra, felizmente, conseguiu ser editada em livro, deixou, como herança, um texto inédito, denominado *Colapso e destruição da cidade de Porto Alegre*, que o diretor João de Ricardo, da Cia. Espaço em Branco, estreou durante o Porto Verão Alegre e agora vem mostrando em pequenas temporadas, como esta recente no Teatro Renascença.

Trata-se de um texto apocalíptico e, ao mesmo tempo, de humor ácido e corrosivo, bem ao gosto de Zanotta que, desde suas primeiras aparições, quer enquanto autor, quer enquanto diretor, nunca deixou de ser voluntária e objetivamente provocador, inclusive montando o texto deixado por Mario de Andrade do que deveria ser um libreto de ópera, *O café*, jamais musicado.

Pois agora, com apoio de um projeto da Sedac e da Fundação Theatro São Pedro, mais uma escola de teatro de São Paulo, além do edital Aldir Blanc, o texto de Zanotta, que chegou a acompanhar o início da produção em seus últimos dias de vida, pode ser conhecido. Graças aos financiamentos e apoio, vê-se que a Cia Espaço em Branco pode fazer uma produção cuidada - o

que não quer dizer rica - e esmerada em sua criatividade, em especial na parte de iluminação que é, também, de cenografia, graças ao próprio diretor, Jorge Gil e Leandro Roos, que espalharam lâmpadas de néon por todo o espaço cênico.

O espetáculo tem quase duas horas de duração, reiterando a estética bastante caótica da dramaturgia de Zanotta, neste caso, sob um formato aproximado da revista musical. Deve-se lembrar que a revista musical, ao final do século XIX, estreava no início do ano seguinte ao que era comentado pelo espetáculo, misturando música e esquetes que abordavam os fatos considerados mais relevantes do ano anterior.

Anildo Böes, Giovana de Figueiredo, o próprio diretor João de Ricardo, Keter Velho e Rodrigo Fernandez, além de Sissi Venturin e Marcelo Adams, constituem um elenco homogêneo e equilibrado, em que o coletivo se sobressai. Os figurinos de Da-

niel Lion concretizam a ideia de uma ação atemporal, com trilha sonora ao vivo de Rodrigo Fernandez e Artur Wais (ausente na noite em que assisti ao trabalho).

A dramaturgia de Zanotta usa fatos recentes - neste caso, a enchente de 2023 - como estopim das situações apresentadas, que mesclam os desvios da administração pública, citando-se indiretamente tanto o prefeito Sebastião Melo quanto o governador Eduardo Leite, com a atuação de empresários, sobretudo do segmento imobiliário, a quem se responsabiliza pelos desvios de obras prejudiciais ao meio ambiente. A corrupção política brasileira também se faz presente, assim como a crítica a costumes vistos pelo dramaturgo como conservadores e socialmente falsos.

Mesclando o discurso militante com a ironia sempre mortal e direta a uma série de acontecimentos reconhecidos por todos os espectadores, o espetáculo arranca risos e gargalhadas, mas também participa de um processo de autoconscientização quanto aos contextos enfrentados, em especial as dificuldades para a prevenção de tragédias e as medidas tomadas posteriormente para a recuperação da cidade. A estrutura de revista musical evidencia a

qualificação do elenco, que tanto interpreta os tipos abordados em cena quanto canta e dança, resultando em um trabalho de ritmo constante e equilibrado, o que garante a constante atenção e interesse da plateia.

Com sua perspectiva distópica, *Colapso e destruição da cidade de Porto Alegre* é uma grande herança de Zanotta ao teatro local e nacional. Com este texto, criado especialmente para o grupo que o apresenta neste momento, o dramaturgo, mais uma vez, discutia temas de sua predileção: a falsidade dos papéis sociais (conceito de Erwin Goffmann), as questões de meio ambiente, o predatório sistema capitalista, em especial o imobiliário. O que é mais importante, neste caso, é que, para além do debate, Zanotta legou um texto que o diretor João de Ricardo foi capaz de transformar em um espetáculo divertido e, ao mesmo tempo, sério e contundente. Trabalho que marca, desde logo, a atual temporada.

Com sua perspectiva distópica, Colapso e destruição da cidade de Porto Alegre é uma grande herança ao teatro local e nacional



Reprodução de um guia da TV mexicana, que supostamente mostra cena do episódio lendário

Há 35 anos, ia ao ar o Revolvinho do Chaves, episódio perdido que virou lenda entre fãs

Igor Natusch

Há 35 anos, nascia uma das mais persistentes lendas urbanas do universo das *lost media* - produtos audiovisuais que, por diferentes motivos, deixam de estar acessíveis e se tornam obsessão para fãs e colecionadores. No caso, o enigma tem todo o espírito da televisão brasileira, embora se refira a um personagem ícone da cultura pop latino-americana. Um mistério que, há décadas, não descansa: afinal, o episódio do *Revolvinho do Chaves* existe mesmo?

Tudo teve início em 25 de abril de 1991, quando uma enchente atingiu o bairro Vila Guilherme, em São Paulo, onde estavam localizados à época os estúdios do SBT. Com as instalações debaixo d'água, a emissora foi forçada a derrubar parte da programação. De acordo com quem estava assistindo o canal na ocasião, o telejornal *TJ Brasil* foi substituído por alguns minutos por uma exibição emergencial do seriado *Chaves* - e o episódio que foi ao ar pegou todo mundo de surpresa, por mais de um motivo.

Os relatos são todos de memória, já que não existe (até onde se saiba) ninguém que tenha gravado a atração em uma VHS caseira ou algo assim. Na tela, viu-se Chaves (interpretado por Chespirito) assustando os demais moradores da vila com um revólver de plástico, cujos 'disparos' coincidiam com o estalar de bombinhas de São João. Um enredo que lembra o conhecido episódio *Bombinhas São Perigosas, ainda mais em mãos erradas*, de 1976, no qual as crianças brincam de Guerra da Independência. Porém, quem assistiu garante que não era o mesmo episódio, mas uma versão bem diferente. Mais: há relatos de pés juntos que o capítulo saiu do ar bem antes do final, já que a fita exibida estava com a imagem estragada e cheia de flutuações. Seja como for, quem viu, viu: o tal *Revolvinho do Chaves* nunca mais foi ao ar no Brasil, e até hoje não deu

as caras em serviços de *streaming* como GloboPlay e Amazon Video.

É aqui, aliás, que a coisa se complica. Segundo fãs que pesquisam a fundo a história do seriado, o mais provável é que o tal capítulo seja parte de uma compilação de antigos quadros gravados em 1972, exibida pela última vez pela Televisa (emissora original de *Chaves*) no ano seguinte e que não consta mais nos pacotes vendidos pelo canal. Ou seja, é um episódio perdido no mundo inteiro, que ninguém assiste há mais de 50 anos - exceção, talvez, aos brasileiros sentados na frente da TV naquele começo de noite de 1991.

Hoje em dia, sabe-se que o episódio em si não é uma lenda: sua existência está comprovada por pesquisas em guias da TV mexicana da época da exibição original, e uma planilha do Ibope da semana de 22 a 28 de abril de 1991 comprova que, no dia 25, foi ao ar uma exibição não prevista de *Chaves*, a partir das 19h03min - a única nessa faixa horária durante todo o mês, oscilando entre 3 e 4 pontos de audiência. Ou seja, é bem possível que o SBT tenha (ainda que deteriorada) a única cópia conhecida de um episódio avidamente perseguido por fãs de Chespirito no mundo inteiro.

Certeza mesmo, porém, ninguém tem. Sempre que consultado, o SBT responde de forma evasiva - algo até compreensível, já que nem o próprio canal deve saber ao certo o que foi ao ar naquele dia caótico de chuva em São Paulo. Mas a busca persiste: nos últimos tempos, fanáticos pelo seriado têm desenterrado episódios que nem a Televisa possui mais - recentemente, uma raríssima aparição da personagem Malicha, que os fãs nem tinham certeza que existia, foi encontrada numa coleção particular na Colômbia. Ou seja, sempre há a chance de alguém ter gravado o *Revolvinho do Chaves* e a fita estar esquecida em algum porão ou fundo de armário por aí.